

A psicanálise em língua portuguesa: marcos da história, estórias e impressões

Fernanda Marinho^[1]

Ney Marinho^[2]

A língua é minha pátria
E eu não tenho pátria, tenho mátria
E quero fráttria

– Caetano Veloso, “Língua”

Uma lança cravada na Lua!

O arco de relações assim desenhado pelas palavras inaugurais de Darcy Ribeiro nos lança o grande desafio de descobrir, redescobrir, revelar, expandir, criar um mundo, admirável novo e velho mundo de afinidades, diversidades, vivências que aproximam e distanciam, que se reconhecem e estranham a um só tempo.

Como costuma ocorrer na imprevisível história dos homens, houve um feliz e histórico encontro. O filósofo português Agostinho da Silva se exilou no Brasil no final dos anos 1950, fugindo da ditadura salazarista. Agostinho da Silva guardava, como muitos portugueses progressistas, o sonho de uma comunidade de países lusófonos. Coincidiu encontrar outro sonhador: José Aparecido de Oliveira, jornalista e político, caracterizado por seu amplo círculo de amizades e admiração, que veio a ser secretário do presidente Jânio Quadros. Ambos – Agostinho da Silva e José Aparecido – partilhavam o mesmo sonho de criação de uma comunidade lusófona e foram acolhidos por Jânio para contribuir para o que ficou conhecido como Política Externa Independente. O governo de Jânio não durou sete meses, dada a sua inesperada renúncia, mas deu como fruto que continuasse em pauta o projeto da comunidade lusófona.

Entra na história outro genial visionário: Darcy Ribeiro, que recebeu a ideia de José Aparecido como “uma lança cravada na Lua”, bela imagem, própria do antropólogo socialista que era Darcy, que vivera muito tempo com nossos índios. Entretanto,

1. Médica e psicanalista. Membro efetivo com funções específicas do Instituto da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ).

2. Médico e psicanalista. Doutor em filosofia. Membro efetivo com funções específicas do Instituto da SBPRJ.

mais uma vez o sonho foi interrompido, agora pela ditadura obscurantista que se instalou em 31 de março de 1964, cassando os direitos políticos de José Aparecido e Darcy Ribeiro, levando-os ao exílio. Com isto nossas relações com a África negra voltaram aos velhos tempos de convivência com o salazarismo.

Como os sonhos são imortais, moram numa região imaterial não sujeita às violências dos poderosos, o projeto de Agostinho da Silva, José Aparecido e Darcy Ribeiro reapareceu 20 anos depois! José Aparecido ainda pôde realizá-lo com a participação dos presidentes dos países recém-libertados (Aristides Pereira por Cabo Verde, Bernardo Vieira pela Guiné-Bissau, Joaquim Chissano por Moçambique, Manuel Pinto da Costa por São Tomé e Príncipe, faltando apenas Eduardo dos Santos, de Angola, que devido à guerra civil enviou um representante) assim como daqueles, como Brasil e Portugal, também livres de anos de ditadura e obscurantismo: José Sarney e Mário Soares. Foi então criado o Instituto Internacional da Língua Portuguesa – daí resultando a institucionalização da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), no dia 3 de novembro de 1989, em São Luís do Maranhão (Brasil). Um fato extraordinário, numa noite linda com um céu estrelado, segundo a descrição de um jovem amigo que presenciou a parte social do encontro, ainda criança, devido a ser filho de um dos participantes.

A psicanálise fustigada pela língua/a língua fustigada pela psicanálise

Há uma passagem que nos foi relatada por Hans Thorner, psicanalista alemão, anteriormente analisado por Frieda Fromm-Reichmann e Melanie Klein, em língua alemã. Em sua primeira sessão de análise com W. R. Bion, inglês, expressou-se por longo tempo em alemão; quando se deu conta disso, desculpou-se muito e, ante seu protesto por não ter sido alertado por Bion de seu lapso, este tranquilamente lhe respondeu que não quisera interrompê-lo, fora bom ouvi-lo em sua *língua materna*.

Lembro-me de uma intérprete, excelente profissional, reconhecida nacional e internacionalmente, precocemente arrancada de seu país e língua de origem, que se amargurava por jamais alcançar a perfeição na expressão de um dos idiomas em que se especializara: “nunca vou conseguir falar como uma pessoa nativa!”, lamentava-se, como se fadada a reproduzir indefinidamente o trauma da perda, pela língua, de sua *identidade nativa*.

Ainda, um jovem homem, emigrante nordestino, ao ser lançado à selva da orla de Ipanema, eternizada na música de Tom e Vinicius, foi acometido de banzo, a nostalgia mortal vivida pelos negros escravizados e desenraizados de sua África natal. Não entendia a língua do biquíni fio dental, das mulheres emancipadas, independentes, que se imiscuem e dissolvem naturalmente nos ambientes masculinos, os corpos quase desnudos, “coisa mais linda a caminho do mar”!

“E imaginar uma linguagem significa imaginar uma forma de vida” (Wittgenstein, 1991, p. 15). Formas de vida diferentes, mas uma língua comum, que aponta o encontro

dentro do desencontro, o ponto de contato, o afeto, a “frátria” almejada e cantada por Caetano.

Há alguns anos, o grande escritor angolano, Pepetela, que é meu amigo, discutia comigo sobre se convinha ou não colocar no seu livro *quitanda* com *k*. Eu dizia que não, porque, que eu saiba, desde os meus três/quatro anos de idade, *quitanda* sempre se escreveu no português do Brasil com *qu*. É uma palavra usual, costumeira, habitual de todos, da mesma maneira que *quitandeiro*, da mesma maneira que tantas outras palavras. Porque, na realidade, nós não podemos esquecer que fomos parte, todos nós, de um Império, e os impérios são estruturas de dominação, mas também são estruturas de encontro. Não há dominação sem encontro. Não há dominação sem convívio, ainda que esse convívio possa ser forçado. Não há dominação sem diálogo. E eu lembrava a Pepetela tantas outras palavras de uso habitual, de uso de todos os dias no Brasil, de origem quimbunda ou quiconga, como *coxear*, *fungar*, *xingar*, *zangar*. Nós usamos esses verbos quase todos os dias e ignoramos que esses verbos são verbos provenientes de palavra africana, de palavra vinda de Angola, de palavras vindas das línguas quicongo e quimbundo. Como também vieram dessas línguas *bagunça*, *caçula*, *dengo*, *encabulado*. Eu fico até com uma certa desconfiança de que sem as palavras vindas de Angola, Moçambique, Guiné Bissau e São Tomé e Príncipe, nós não conseguiríamos nos entender e não conseguiríamos falar entre nós, mostrando, sobretudo, aquele encanto da língua ligada à afetividade. (Costa e Silva, 2010, pp. 67-68)

Praia e Mindelo (Cabo Verde) e Nampula (Moçambique) – estórias

Capturados e enredados pelo arco de relações que deram origem à CPLP e, em consequência, ao I Encontro da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ) e CPLP, no Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Ipub/UFRJ), incentivados pelo sucesso deste e pela pesquisa sobre a loucura que Ney empreendia e à qual Fernanda se associou, tendo como campo diferentes culturas, organizamos a nossa primeira ida à África, mais especificamente a Cabo Verde. Fomos recebidos com a hospitalidade característica, marcada pela cordialidade e afetividade – a que chamam com orgulho de *morabeza*, em linguajar crioulo –, e uma ágil, viva e inteligente curiosidade, que logo de início nos propiciou rica troca, instigando em reciprocidade o desejo de conhecer mais sobre aquele povo, polvilhado nas dez ilhas de um arquipélago perdido a 400 km da costa africana, que nunca deixou seu traço original de entreposto – antes, de negros escravizados, e agora, de acesso a bens materiais, intelectuais e culturais: Cabo Verde é uma terra de emigrantes. Na ocasião, em 2009, a população era de 1,1 milhão, dos quais 600 mil viviam fora do país.

Um pequeno episódio – já em nossa segunda estadia (janeiro/2013) em Praia, capital do país, na Ilha de Santiago, então com um grupo da Comissão de Intercâmbio SBPRJ/CPLP, para participar do Congresso da Associação de Saúde Mental de Língua Portuguesa (Asmelp) – nos diz muito das consequências dessa emigração massiva, principalmente dos homens, chefes de família. Havíamos percorrido grande

extensão da Ilha de Santiago, em direção à aldeia de Chão Bom, onde ficava Tarrafal, o famoso presídio de triste memória, também chamado de Campo da Morte Lenta, hoje museu aberto à visitação. Fora construído em 1936 como campo de concentração para presos políticos do regime salazarista e, posteriormente, utilizado para prisioneiros nacionalistas africanos de Angola, Guiné Bissau e Cabo Verde. Após o opressor, quase terrorífico percurso do museu, fomos, literalmente, tentar lavar a alma daquelas manchas indeléveis de crueldade, materializadas nas paredes das celas que se sucediam, no belo mar circundante. Como mais uma expressão da perversidade e do domínio cruel, mesmo a vista dessas águas aos presos era negada: o presídio fora construído propositalmente de costas para o mar. Sentados na areia, aproximou-se uma mocinha caboverdiana que vendia alguns artesanatos locais e nos abordou em francês. Conversando, perguntei-lhe por que falara em francês; respondeu, de forma vaga, que estudava francês porque tinha o desejo de ir à França. Soubemos, depois, que a família, como grande parte das famílias de Cabo Verde, era uniparental, vivia com a mãe e os irmãos; o pai se havia ido há muitos anos, diziam que para a França... O encontro ansiado e sempre postergado, pois que impossível, com o objeto perdido – mais uma vez a promessa a realizar-se através da língua.

Naturalmente, a situação, de imediato, nos evocou o correlato brasileiro da estrutura – ou desestrutura – do universo de composição familiar nas favelas das grandes cidades brasileiras, quando a mulher/mãe/avó é o único esteio.

Outro correlato que encontramos, especialmente em Moçambique, foi a violência do homem contra a mulher, marco de nossa cultura, e ainda o mesmo contraste de costumes e vigor dos preconceitos entre o norte/nordeste e o “sul maravilha”, expressão do saudoso Henfil, divinamente descritos por Paulina Chiziane, romancista moçambicana consagrada, em seu livro *Niketche* (2010).

A tessitura dos pontos comuns na diversidade cultural se foi dando de forma espontânea e com grande riqueza. Miguel Sayad, psicanalista da SBPRJ e atual coordenador da Comissão de Intercâmbio SBPRJ/CPLP, participara do Congresso da Asmelp, referido anteriormente, com o trabalho intitulado “A contribuição da psicanálise para a paz: como a psicanálise pode contribuir para a paz e para a organização social de um povo: reflexões psicanalíticas sobre a figura do pai” (2013a).^[3] A partir do interesse despertado, Miguel foi convidado para participar, dois meses depois, do Fórum “Os desafios da assunção da paternidade em Cabo Verde”, promovido pela Comissão Nacional para os Direitos Humanos e a Cidadania de Cabo Verde. Participou do painel “O papel do pai no desenvolvimento psicológico do indivíduo” com o texto “A imagem inconsciente do pai e sua função no desenvolvimento dos filhos e na organização social: a transmissão transgeracional inconsciente” (2013b), uma das comunicações que integraram o Fórum e deram estímulo, a seguir, à Campanha Ami é

3. O trabalho de Miguel Sayad pode ser lido nesta edição da *Berggasse 19*, sob o título “A contribuição da psicanálise para a paz e para a organização social de um povo: reflexões psicanalíticas sobre a figura e função do pai”, nas páginas 130-138.

Pai – Eu sou um pai, de alcance nacional, com duração de seis meses. Qual o alcance, não só geográfico ou temporal, mas social, que teríamos se pudéssemos desenvolver algo análogo, como política de saúde mental, em nosso país? Ou em nossos estados e municípios? Ou em apenas parte deles? Ou mesmo na Rocinha, favela carioca da Zona Sul, com sua proporção avassaladora de imigrantes nordestinos!?

Um outro momento que vale registrar de nossa primeira estadia em território africano foi a nossa chegada, vindos de Praia, à Ilha de São Vicente, onde se encontra a cidade do Mindelo, centro cultural de Cabo Verde. Ainda exauridos pelos intensos estímulos de natureza tanto intelectual como afetiva que vivíamos e pela viagem, fomos convidados a participar de um workshop clínico. Comemorava-se a Semana de Psicologia na Faculdade de Psicologia da Universidade de Cabo Verde, e haviam convidado para a coordenação da atividade o conceituado psicanalista português Coimbra de Matos. Este se fez acompanhar de um jovem etólogo, José Paz, de origem angolana, dedicado ao estudo do desenvolvimento materno-filial em primatas e que, voltando-se simultaneamente para a psicologia, logo se interessou pela psicanálise. Passamos uma tarde inteira discutindo casos clínicos de jovens estudantes ou profissionais, que nos assombravam pela capacidade intuitiva que os levava a expor dados extremamente sensíveis a respeito de seus pacientes em atendimento psicoterápico institucional, permitindo uma rica abordagem psicanalítica, alimentada pela sagacidade, loquacidade e larga experiência de Coimbra de Matos. Anos mais tarde, em 2016, reencontramos José Paz em Lisboa, no I Congresso de Psicanálise de Língua Portuguesa, já então autor de um dos livros mais interessantes, profundos e enriquecedores sobre o pensamento de W. R. Bion, *O canto do bode: uma psicanálise entre Nietzsche e Bion* (2001).

Outro ponto de encontro que vale ressaltar se deu em nossa incursão a Nampula, no norte de Moçambique, por ocasião do II Encontro SBPRJ/CPLP, quando tivemos duas felizes experiências que marcavam pontos comuns ao curandeirismo e à psicanálise, ou seja, aproximavam duas formas de lidar com o suceder humano e com os males da alma. Em nossa conversa com Jorge Ferrão, reitor da Universidade Lúrio, pessoa extremamente qualificada, que vivera vários anos no Brasil, em São Paulo, depois na França e na África do Sul antes de seu retorno a Moçambique, procuramos conhecer um pouco melhor a relação entre a medicina tradicional (praticada pelos curandeiros) e a medicina ocidental. Já sabíamos da integração pelo Estado da medicina tradicional aos programas de saúde e práticas de atendimento, e também que a procura pelos curandeiros superava em muito a dos médicos de formação ocidental; à nossa pergunta sobre o que ele pensava motivar essa escolha, o reitor de pronto nos respondeu: “eles conversam com os pacientes, ouvem as suas histórias, dão tempo, diferente dos médicos”. Tínhamos aí a capacidade de escuta e a cura pela palavra tão caras a nós psicanalistas!

E qual não foi nossa agradável surpresa quando, em entrevista com o presidente da Associação de Médicos Tradicionais de Moçambique (Ametramo), sabendo que por vezes encaminhavam pacientes para as instituições de saúde de medicina

ocidental, perguntamos o que determinava esse encaminhamento, como se fazia a seleção entre aqueles a quem atender e os outros a serem encaminhados. De forma muito tranquila e segura, nos disse que, após o primeiro encontro, quando conversava longamente com o paciente, ia dormir. Caso sonhasse, sabia que era paciente para as suas práticas de curandeiro; se não sonhasse, encaminhava às outras instituições. Ecoava, assim, a sabedoria do velho Freud: o sonho, via régia para o inconsciente.

O primeiro encontro

O ano de 2009 foi decisivo para a realização de nosso projeto que nos ajudava a descansar, como um sonho à espera de um acordar que sempre se adiava. Entretanto, com a eleição de Pedro Gomes para presidente da SBPRJ, e sendo 2009 o cinquentenário de nossa sociedade, oportunidades inesperadas surgiram. O acontecimento central das comemorações, por sugestão do novo presidente, foi o início do intercâmbio com os países da CPLP. Convidou Ney, então, para coordenar a comissão que promoveria tal empreendimento. As esperanças eram grandes, assim como o entusiasmo, mas as reais possibilidades eram remotas. Contudo, sob a liderança de Pedro Gomes, confluíram todos os fatores positivos! Naquele ano seria realizado no Rio de Janeiro o tradicional Congresso Brasileiro de Psiquiatria, no qual haveria um simpósio da já mencionada Asmelp, entidade idealizada por Ulysses Vianna Filho (Brasil) e Fernandes da Fonseca (Portugal). Esta entidade, que desempenhou um importante papel no desenvolvimento da psiquiatria africana, era então presidida pelo prof. António Pacheco Palha, titular de psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, profissional de renomado prestígio e, sobretudo, um grande admirador da África. Lá na antiga Lourenço Marques (atual Maputo, capital de Moçambique), prestou seu serviço militar de agosto de 1965 a setembro de 1967, mas somente regressou a Portugal em 1969, por “não acreditar em guerras coloniais e entender dever existir uma solução política” (Palha, 2010, p. 63). Durante a sua permanência em Moçambique, introduziu o ensino de psicologia médica no terceiro ano do curso médico e só partiu quando já iniciado o ensino de psiquiatria, no sexto ano. Em suma, um apaixonado pela África, cuja paixão frutificou através da formação dos mais importantes psiquiatras africanos em seus cursos de pós-graduação na Faculdade de Medicina do Porto (Palha, 2010).

Assim, tivemos a oportunidade de oferecer à Asmelp e à Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP) o apoio da SBPRJ para que realizassem o tradicional Simpósio de Psiquiatras de Língua Portuguesa no Ipub/UFRJ, o que se tornou para alguns de nós “um momento mágico”. Afinal, nossa geração havia acompanhado, desde os inícios dos anos 1960, a formidável luta anticolonial que, infelizmente, foi seguida por lutas fratricidas – muitas vezes financiadas por potências estrangeiras –, além da África do Sul, que temia que o fim do colonialismo representasse também o término do apartheid e da supremacia branca (o que de fato ocorreu). Tais lutas fratricidas ocorreram por mais 10 ou mesmo 20 anos (como no caso de Angola). Ver o nosso familiar e querido

lpub abrigar psiquiatras e psicólogos, profissionais de saúde mental *negros*, agora representando nações independentes, reunidos para discutir “A questão da loucura na Comunidade de Países de Língua Portuguesa” – tema do Encontro –, despertava fortes emoções.

Para uma melhor compreensão, devemos reencontrar em nossa memória as enormes dificuldades que vencemos para trazer *todos* os representantes de *nossa* comunidade, que vai do Minho ao Timor! Não se trata de uma frase de efeito, uma vez que o Timor-Leste, recém-libertado do jugo salazarista, o foi também da Indonésia, que de lá saiu cometendo um verdadeiro genocídio. O único psiquiatra timorense – dr. Carlos Laranjeirinha Pinto – foi encontrado, graças ao persistente trabalho da colega Luciana Carvalho, no interior de Portugal, onde se refugiara após fugir da barbárie indonésia. Interessante registrar que Carlos Pinto, natural do Timor-Leste, tendo feito seus estudos de medicina e psiquiatria na Indonésia, se mostrou não só interessado, mas muito capaz na discussão de temas psicanalíticos. Manteve sempre contato com sua terra natal, mesmo depois da acidentada fuga, prestando relevantes serviços de atendimento psiquiátrico com orientação dinâmica. Anualmente viajava para o Timor. Há outros episódios dignos de registro que mostram como o que nos moveu foi sempre a paixão, no caso, a de resgatar um convívio que nos fora por muitos anos negado, principalmente pela ditadura brasileira que se aliava ao salazarismo e via qualquer aproximação com os intelectuais e pensadores africanos como um ato subversivo, quando não simplesmente impedia a emissão de passaportes para aqueles com antecedentes políticos.

Um caso curioso foi o grande esforço que fizemos para trazer o representante de Cabo Verde, Manuel Faustino, psiquiatra que se exilara no Brasil durante a luta anticolonial, fazendo sua pós-graduação na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, e que, uma vez libertada a sua terra, para lá voltou para ser Ministro da Saúde. Ainda assim, não havia recursos para a sua vinda ao Brasil. Contamos com a generosidade do artista plástico e arquiteto Mauro dos Guarany e a hospitalidade do saudoso José Hamilton de Farias: Mauro doou algumas de suas obras para rifa, e Hamilton recebeu Faustino em sua casa. Bom lembrar que Manuel Faustino, durante o seu exílio no Brasil, foi diretor do Centro Psiquiátrico Pedro II. Em sua terra, até pouco tempo atrás, era chefe da Casa Civil de Cabo Verde, um inacreditável país, criado pela luta de um povo que não se deixou vencer pelas dificuldades geográficas, políticas e econômicas, atualmente um dos mais eficientes e dignos da África, conhecido internacionalmente por sua linda, mas também nostálgica música em ritmo caribenho.

Lá se realizou o IV Congresso de Psicanálise em Língua Portuguesa, com o tema “Rotas da escravidão”, quando pudemos experimentar vivamente a receptividade, deles característica, implicada com as importantes contribuições literárias (Germano Almeida – Prêmio Camões, 2018), a experiência terapêutica da música, o teatro e a dança, as apresentações sobre temas que lhes são sensíveis, como abuso sexual infantil, os jovens psicólogos e psiquiatras com a curiosidade aguçada e o interesse

em psicanálise. Recentemente, a Associação de Psicólogos de Cabo Verde comemorou o Dia do Psicólogo com debates em todo o país, com o tema... “Pensar Freud”!

O Encontro no Ipub revelou algo comum e surpreendente apesar de tantas diferenças e, como disse nosso poeta Alberto da Costa e Silva, de *tanto mar*, não só nos separando da sede do Império, mas de nosso passado africano e mesmo indiano ou índico; lembremos do norte de Moçambique, de Goa e Macau, até o Timor-Leste. “O encanto da língua, ligada à afetividade”, como o poeta nos havia lembrado, permitiu que pudéssemos reatar antigas relações, como velhos amigos que após vários anos se encontram e conversam como se fosse uma continuação do dia anterior!

O Encontro foi aberto pelo acadêmico Alberto da Costa e Silva, nosso maior africanista, autor de *Um rio chamado Atlântico* (2003/2011), e por ele fomos levados ao nosso passado comum. Com o correr da noite, já nos sentíamos irmanados para os trabalhos do dia seguinte, quando trocaríamos as experiências – algumas muito dolorosas – de como nossa comunidade lida com a loucura.

O que mais despertou nossa atenção e sentimentos não foi tanto a diversidade, mas a simetria das vivências: as *crianças-soldados* e nossos *aviõezinhos* do tráfico; a força de anos de colonização que ceifaram o projeto incipiente de novas nações nas antigas colônias escravizadas e nossa dificuldade de traçar nosso próprio caminho; a poligamia e o machismo aceitos; e, finalmente, a desigualdade herdada e mantida nas sociedades nascentes, como na nossa. O processo de descolonização é muito mais complexo do que pensávamos em nossa juventude e guarda uma analogia com a própria aquisição de uma individualidade que estamos acostumados a acompanhar em nossa atividade psicanalítica. Custamos a compreender tal fenômeno, da mesma forma que seus agentes. Afinal, ver antigos heróis revolucionários se transformarem em dirigentes corruptos é uma constatação desnorteante para muitos. Penso que essa referida complexidade do processo de descolonização pode ser mais bem pensada a partir do excelente livro *Sair da grande noite*, de Achille Mbembe (2010/2019) – filósofo camaronês, criador do termo “necropolítica”.

Dos debates, conversas, almoços e jantares surgiu uma amizade que ansiava por novos encontros. Lembremo-nos que a psicanálise não era muito conhecida naquelas sociedades, embora alguns psiquiatras tivessem tido formação na França ou mesmo no Brasil e Portugal, e outros na Argélia ou União Soviética (Universidade Patrice Lumumba). Portanto, predominava um pensamento psiquiátrico de natureza tradicional e clássica, mas que, ao sabor do afeto fraterno, logo se abriu para um diálogo promissor.

Desse encontro surgiu a nossa determinação de realizarmos uma pesquisa sobre a noção de loucura em nossas culturas, começando por Cabo Verde, o que veio a ocorrer poucos meses depois. Alvo do mesmo contágio, Pedro Gomes foi no ano seguinte a um congresso da Asmelp em Maputo. Lá conheceu Boia Efraime Jr., professor universitário que se havia graduado e especializado em psicologia na antiga Alemanha Oriental e que, após a queda do muro, fizera um curso de psicoterapia

psicanalítica. Impressionara Pedro a fluência psicanalítica de Boia Efraime e sua capacidade de comunicação, o que o levou a convidá-lo para conferências no Brasil. Marcadas para novembro de 2010, deram início, em grande estilo, à tradição de comemorar-se o Dia da Consciência Negra, 20 de novembro, na SBPRJ.

Com um olhar retrospectivo, vemos como esse primeiro encontro balizou os demais e veio a dar o perfil dos futuros Congressos de Psicanálise em Língua Portuguesa. Ou seja, procuraríamos sempre nos esforçar para que todos os países que compõem a CPLP (Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste, sendo Macau/China um permanente convidado) estivessem representados; as mesas fossem sempre multidisciplinares com a participação de um psicanalista; a atividade clínica tivesse um lugar reservado aos profissionais de saúde mental; e a cultura do país anfitrião fosse apresentada e prestigiada.

Vejamos como essas características se delinearão no Encontro: a prof.^a titular de literaturas africanas da UFRJ, Carmen Lúcia Tindó, participou da mesa “Catástrofes em perspectiva: psiquiatria, psicanálise e literatura”, juntamente com o psiquiatra José Thomé e a psicanalista Celmy Quilelli Corrêa, coordenada pela colega Anna-Maria Bittencourt. Carmen Lúcia Tindó apresentou o texto “A poetização da catástrofe e a memória da guerra por poetas de Angola e Moçambique” (Secco, 2010). Foi exibido o filme *Língua: vidas em português*, do diretor moçambicano Victor Lopes (2002), radicado no Brasil, comentado pelo psicanalista e crítico de cinema Luiz Fernando Gallego e a poetisa de Guiné-Bissau Odete Semedo. O encerramento se deu com a exibição do vídeo “Amor cuidado” (Tiso et al., 2003/2011), produzido para a campanha de prevenção da aids na África, com música de Wagner Tiso e Caique Botkay, e participação de artistas de todos os países da CPLP.

Uma cronologia

Detivemo-nos no primeiro encontro por considerá-lo de grande influência para os caminhos que tomaram não só as realizações fruto do intercâmbio SBPRJ/CPLP, mas os congressos, antes luso-brasileiros, que as sucederam. Aloysio d’Abreu, quando presidente da Federação Brasileira de Psicanálise (Febrapsi) (2014-2015), propôs que esta abraçasse as iniciativas de intercâmbio com a CPLP, passando os congressos de “luso-brasileiros” a “em língua portuguesa”. Os pioneiros congressos luso-brasileiros patrocinados pela Febrapsi se haviam iniciado no mandato de Gari Faria, com a participação de Eliana Mello e de colegas portuguesas. Foram dois, um primeiro congresso em Lisboa e um segundo em Salvador, este já na presidência de Pedro Gomes, que tentou trazer outros países da CPLP, o que não ocorreu devido à crise política em que viviam.

Na impossibilidade de descrever cada um desses importantes eventos, vamos listá-los numa breve cronologia:

- 2005 – Lisboa (Portugal) – I Congresso Luso-Brasileiro – Organizador brasileiro: Febrapsi (Carlos Gari Faria) – Tema: “Navegar é preciso, viver não

- chega: contribuições clínicas e constructos teóricos na prática”.
- 2007 – Salvador (Bahia) – II Congresso Luso-Brasileiro – Organizador brasileiro: Febrapsi (Pedro Gomes) – Tema: “Psicanálise e processos de mudanças: indivíduo, sociedade e cultura”.
 - 2009 – Ipub, Rio de Janeiro (Rio de Janeiro) – I Encontro SBPRJ/CPLP – Organizador brasileiro: Comissão de Intercâmbio SBPRJ/CPLP – Tema: “A questão da loucura na Comunidade de Países de Língua Portuguesa”.
 - 2011 – Maputo (Moçambique) – II Encontro SBPRJ/CPLP – Organizadores moçambicanos: Ministério da Saúde de Moçambique e Universidade Pedagógica de Maputo – Tema: “Sexualidade e agressividade em nossos tempos e em nossas culturas”.
 - 2011 – Luanda (Angola) – Congresso da Asmelp – Organizador: Asmelp. A Comissão de Intercâmbio SBPRJ/CPLP foi convidada a apresentar a contribuição psicanalítica.
 - 2011 – Macau (China) – I Conferência Internacional de Medicina de Macau/China e Países da Comunidade de Países de Língua Portuguesa – Organizador: Associação dos Médicos de Língua Portuguesa de Macau. A Comissão de Intercâmbio SBPRJ/CPLP foi convidada a apresentar o ponto de vista psicanalítico sobre o envelhecimento, na seção de psiquiatria, para o que foram indicados: Fernanda Marinho, Miriam Fainguelernt e Ney Marinho.
 - 2013 – Praia (Cabo Verde) – Congresso da Asmelp – Organizador: Asmelp. A Comissão de Intercâmbio SBPRJ/CPLP foi convidada a apresentar a contribuição psicanalítica.
 - 2016 – Lisboa (Portugal) – III Congresso de Psicanálise em Língua Portuguesa^[4] – Organizadores: Sociedade Portuguesa de Psicanálise (SPP) e Febrapsi – Tema: “Violência, memória, identidade”. A delegação brasileira foi composta por 75 participantes (71 oriundos do Brasil, 2 da Inglaterra, 1 da Itália e 1 da Bélgica). Os brasileiros eram filiados a sete federadas (as sociedades brasileiras de psicanálise do Rio de Janeiro, de São Paulo e de Porto Alegre, as sociedades psicanalíticas do Rio de Janeiro e de Fortaleza, e o Grupo de Estudos Psicanalíticos de Campinas), além de colegas de sociedades não filiadas à Associação Psicanalítica Internacional e professores universitários. A partir deste congresso, ficou estabelecido o rodízio de sedes: (1) Portugal, (2) país africano, Timor-Leste ou Macau e (3) Brasil, de 2 em 2 anos.
 - 2018 – Mindelo (Cabo Verde) – IV Congresso de Psicanálise em Língua Portuguesa – Organizadores: Associação de Psicólogos de Cabo Verde, Comissão de Direitos Humanos de Cabo Verde, SPP e Febrapsi – Tema: “Rotas da escravidão”.

4. Esta foi, na verdade, a primeira edição do congresso com este nome, mas a numeração incorporou os Congressos Luso-Brasileiros, como uma homenagem aos nossos pioneiros.

- 2020 – Salvador (Bahia) – Pré-V Congresso Virtual de Psicanálise em Língua Portuguesa – Organizadores: Febrapsi e SPP – Tema: “Escravidão e liberdade: travessias do corpo e da alma”. Este Congresso está à espera do fim da pandemia para que possa ser realizado onde foi previsto, na Bahia, a maior concentração negra fora da África e onde se localiza um dos *campi* da Universidade Internacional da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira, cuja sede fica em Redenção (Ceará). Esta universidade recebe estudantes bolsistas para curso superior dos vários países da África de língua portuguesa e mesmo do Timor-Leste.

Algumas reflexões, devaneios e velhos sonhos

Ao finalizar este breve texto, foi surgindo a vontade premente de trocar nossas experiências, dada a quantidade de lembranças, emoções e ideias que se manifestaram. Ante a impossibilidade de articulá-las discursivamente e igual dificuldade de encontrar outras formas de comunicação (música, pintura, dança...), optamos por quase listá-las sem qualquer ordem temporal. Imaginamos que isto se deva ao fato de não ter sido um aprendizado, mas um processo de transformação pessoal que sentimos nesta particular aventura cultural, histórica, psicanalítica. É possível que todo real aprendizado seja uma transformação; isto precisa ser mais bem pensado, lembremos da formação analítica. Não somos os mesmos! Vamos aos itens:

- 1) O impressionante desconhecimento de nossa herança africana tem inúmeras raízes desde o *mero* – grifo porque nosso *racismo estrutural* não pode ser banalizado – preconceito, passando pela violenta repressão das ditaduras salazarista e brasileira, até o sentimento de *estranheza/familiaridade* tão magnificamente descrito por Freud (1919/1996).
- 2) A aventura marítima portuguesa que aprendemos na escola, decoramos para as provas e esquecemos pouco adiante, segue um peculiar trajeto; as *explicações* político-econômicas, e mesmo históricas, não alcançam seu caráter *aventureiro*. Para onde iam aqueles navegantes? O sentimento é de sublime ao nos vermos face a face com o imponente portal da casa de Camões, na paradisíaca Ilha de Moçambique, na província de Nampula, e também lá se encontra a casa de Vasco da Gama – retiros de descanso de suas jornadas linguística e marítima que levavam cada um muito além do cabo das Tormentas. Descabido perguntar ao aventureiro para onde vai? O que os impulsiona, um objetivo a ser alcançado ou a imensidão do trajeto desafiador? Basta para nos orientar o título da profissão de Vasco da Gama: *almirante-mor dos mares da Arábia, Pérsia, Índia e todos os Orientes*. Creio que tal como nós psicanalistas nos aventuramos com prazer – e dor – no processo de análise, sem resultados definidos a almejar, também esses homens viveram a sua aventura marítima sem porto seguro a alcançar.
- 3) À Guiné-Bissau e ao Timor não fomos: o resquício de violência que acompanha toda libertação levou amigos a desaconselharem nossa aventura. A São

Tomé e Príncipe – ilhas tão sedutoramente descritas pelo adorável romance *Equador*, de Miguel Sousa Tavares (2003) – faltou tempo... e recursos. Mas reencontramos a sensual literatura em Macau, com *Amor e dedinhos de pé*, de Henrique Senna Fernandes (1986/2008). Tão Bahia das Gabrielas e Tietas, dos Nacifs e Quincas Berro d'Água, tão longe e tão perto!

4) Não concluímos a pesquisa sonhada, mas encontramos os mesmos dramas de amor, loucura e dor nas inúmeras entrevistas que tivemos com pacientes, familiares, colegas e, sobretudo, com os *médicos tradicionais* (curandeiros) do norte de Moçambique. Impressionou-nos, na longa entrevista que tivemos com os representantes da Ametramo, a semelhança da procura pela profissão/atividade e a nossa formação analítica: muitos eram ex-pacientes que se sentiram atraídos pelas experiências vividas nos processos de tratamento que receberam. Em outra ocasião – I Encontro em Maputo –, ouvimos algo que permanece em nossa mente, volta e meia o seu eco ressoa: quando discutíamos em uma mesa com Paulina Chiziane o tema da loucura, ouvimos a grande escritora meio curandeira dizer: “o curandeiro não escolhe ser curandeiro... ele é um escolhido”.

5) Em nenhuma viagem deixamos de aprender e fazer novas amizades. As possibilidades de pesquisa numa psicanálise transcultural são tão grandes quanto inexploradas.

6) Vivemos a realização de velhos sonhos da juventude e seu embate com a realidade – o triunfo da luta anticolonial e o êxito na construção de projetos nacionais idealizados por velhos ídolos – da mesma forma que a decepção com a decadência dos que não suportaram as responsabilidades da história. O processo de descolonização é mais complexo do que pensávamos, como nos ensina Mbembe.

7) Mas novos sonhos surgem... por que não levar nossa exitosa experiência do Sistema Único de Saúde para países ainda sem um projeto próprio? Como também antigos colonizados, temos melhores condições para realizar parcerias sem o vício de neocolonizadores.

8) Em determinado momento, nos demos conta de que havíamos desenvolvido uma estreita relação com os colegas portugueses, algo que anteriormente não havíamos conseguido. Falávamos português entre nós! Que contraste com os tempos em que nossa correspondência psicanalítica institucional tinha mão única em português, do Brasil para Portugal; o retorno costumava ser em inglês!

9) Por último, mas não por menos, faz-se imperioso o registro de um dado único: a força antirracista que o intercâmbio propicia, principalmente nos moldes científico-culturais em que o programa foi desenvolvido. Não se trata de mais uma reunião internacional em língua estrangeira para a discussão de uma possível ciência, portanto, universal. O projeto transcende em muito tal tradição. A universalidade da psicanálise tem a peculiaridade de pedir um respeito absoluto à diversidade.

Referências

- Chiziane, P. (2010). *Niketche*. Ndjira.
- Costa e Silva, A. (2010). Presença de Alberto da Costa e Silva. *Trieb*, 9(1-2), 67-76.
- Fernandes, H. S. (2008). *Amor e dedinhos de pé: romance de Macau*. Gryphus. (Trabalho original publicado em 1986)
- Freud, S. (1996). O estranho. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud: Vol. 17. Uma neurose infantil e outros trabalhos (1917-1918)* (pp. 233-274). Imago. (Trabalho original publicado em 1919)
- Lopes, V. (Diretor). (2002). *Língua: vidas em português* [Documentário]. TV Zero.
- Mbembe, A. (2019). *Sair da grande noite: ensaio sobre a África descolonizada*. Editora Vozes. (Trabalho original publicado em 2010)
- Palha, A. P. (2010). Testemunho pessoal sobre a criação da Associação de Saúde Mental de Língua Portuguesa – ASMELP. *Trieb*, 9(1-2), 63-65.
- Paz, J. M. G. (2001). *O canto do bode: uma análise trágica sobre a condição humana, que, possivelmente, não é nenhuma: uma psicanálise entre Nietzsche e Bion*. Teseaurius.
- Sayad, M. (2013a, janeiro). *A contribuição da psicanálise para a paz: como a psicanálise pode contribuir para a paz e para a organização social de um povo: reflexões psicanalíticas sobre a figura do pai* [Apresentação de trabalho]. VIII Congresso da Associação de Saúde Mental de Língua Portuguesa, Praia, Cabo Verde.
- Sayad, M. (2013b, março). *A imagem inconsciente do pai e sua função no desenvolvimento dos filhos e na organização social: a transmissão transgeracional inconsciente* [Apresentação de trabalho]. Fórum “Os desafios da assunção da paternidade em Cabo Verde”, Praia, Cabo Verde.
- Secco, C. L. T. R. (2010). A poetização da catástrofe e a memória da guerra por poetas de Angola e Moçambique. *Trieb*, 9(1-2), 143-154.
- Silva, A. C. (2011). *Um rio chamado Atlântico* (5a ed.). Nova Fronteira. (Trabalho original publicado em 2003)
- Tavares, M. S. (2003). *Equador*. Oficina do Livro.
- Tiso, W., Botkay, C., & Lucinda, E. (Compositores). [Mayra Andrade]. (2011, 18 de abril). *Amor Cuidado – AIDS prevention – 2003* [Videoclipe]. YouTube. <https://bit.ly/3yjdgnS> (Trabalho original lançado em 2003)
- Wittgenstein, L. (1991). *Investigações filosóficas*. Nova Cultural. (Trabalho original publicado em 1953)

Fernanda Marinho

Endereço: Rua Sérgio Porto, 153, Gávea. Rio de Janeiro/RJ.
 CEP: 22451-430
 Tel.: (21) 98551-1322
 E-mail: fernandaamarinho@globo.com

Ney Marinho

Endereço: Rua Sérgio Porto, 153, Gávea. Rio de Janeiro/RJ.
 CEP: 22451-430
 Tel.: (21) 98551-1322
 E-mail: neymarinho@globo.com